

Dr. David A. deSilva , Hebreus, Sessão 5, Hebreus 4:14-5:10: Um Grande Sumo Sacerdote

© 2024 David deSilva e Ted Hildebrandt

No próximo segmento principal do Sermão aos Hebreus, Hebreus 4, 14 a 5, 10, o autor começa a focar finalmente no tópico do sacerdócio e pensar sobre Jesus como nosso grande sumo sacerdote, um tópico que ele anunciou no capítulo 2, versículo 70. À medida que este segmento abre, o autor tira uma conclusão do material que prossegue. Hebreus 4:14 a 16 fornece um contraste considerável da maneira como a seção anterior terminou.

Hebreus 4:12 a 13 apelou com efeito à emoção do medo, fazendo com que os ouvintes ficassem com medo de como poderiam encontrar Deus caso se mostrassem infiéis a Jesus. 4, 14 a 16, em forte contraste, fala da confiança com que os ouvintes podem se aproximar de Deus e buscar ajuda na medida em que permanecem conectados a Jesus. Também tira uma conclusão não apenas por contraste, mas com base no conteúdo que encontramos em Hebreus 2, 16 a 3, 1, onde a ideia de ter Jesus como um sumo sacerdote simpático e fiel foi introduzida pela primeira vez.

Em 5:1 a 10, encontramos o autor começando a explorar a ideia de Jesus como sumo sacerdote a sério. Nós o encontraremos fazendo isso em três movimentos fundamentais. Primeiro, olhamos para a função dos sacerdotes em geral nos capítulos 5:1 a 3. Então, nos versículos 4 a 6, pensamos sobre a nomeação de Jesus para esse ofício e como podemos ter certeza de nossa correção em falar de Jesus como sumo sacerdote.

Finalmente, nos versículos 7 a 10, Jesus se prepara para preencher o ofício de sumo sacerdote. O pregador poderia então ter passado diretamente do capítulo 5, versículo 10 para o início do capítulo 7, mas ele achará estratégico, em vez disso, pausar e desafiar o público de forma mais direta e severa em 5:11 a 6:20 para garantir que eles estejam vivendo de acordo com o que Deus já investiu neles. Assim, após o segmento que é o foco desta apresentação, o autor dará um passo para trás, por assim dizer, para garantir que os ouvintes estejam prestando atenção e entendam ainda mais completamente os riscos do que está em risco em seu momento presente.

Em Hebreus 4:14 a 16, o autor apresenta o que é, de muitas maneiras, um apelo central para seu sermão. Visto que temos um grande sumo sacerdote, que atravessou os céus, Jesus, o filho de Deus, retenhamos a nossa confissão. Pois não temos um sumo sacerdote que não seja capaz de compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim um que foi provado em todos os sentidos, como nós, porém, sem pecado.

Portanto, aproximemo-nos com ousadia do trono do favor, para que possamos receber misericórdia e achar favor para ajuda oportuna. A importância do conteúdo desses três versículos é mostrada pelo retorno do pregador a esse mesmo conteúdo no capítulo 10, versículos 19 a 23, do outro lado do que o próprio autor chama de seu longo e difícil discurso sobre o ministério sacerdotal e o sacrifício de Jesus. Comparando 4:14 a 16 e 10:19 a 23 lado a lado, podemos ver que ambos começam falando sobre o benefício de ter um grande sumo sacerdote.

Ambas incluem a exortação aos ouvintes para que se apeguem firmemente à sua confissão. E ambas contêm a exortação, aproximemo-nos, portanto. Essas garantias e exortações fundamentais colocam entre parênteses toda a seção central que estudaremos nas próximas apresentações.

Dado o que o público pode ter perdido como resultado de seu alinhamento com Jesus e o movimento que se reúne em torno de sua palavra, não é surpreendente encontrar o autor enfatizando o que os convertidos ganharam como resultado desse alinhamento. Já que temos um grande sumo sacerdote, alguém que cruzou os céus, Jesus, o Filho de Deus, vamos nos apegar à nossa confissão. Ao lermos o restante do sermão, encontraremos o autor enfatizando em vários pontos o que os destinatários têm em vez do que perderam.

Eles têm uma âncora para suas almas nessa esperança que entra no lado interno da cortina, onde Jesus entrou em nosso favor como um precursor. Eles têm a ousadia de entrar no próprio santuário celestial. Eles têm poses melhores e duradouras naquele reino eterno onde Deus habita.

Eles têm um altar do qual aqueles que ministram no tabernáculo não têm direito de comer. Aqui, no capítulo 4, versículo 14, o autor lembra os ouvintes do grande privilégio que é deles. Eles têm, como seu sumo sacerdote e mediador do favor de Deus, Jesus, o Filho de Deus.

Não apenas um sacerdote humano, nem mesmo um anjo, mas o próprio Filho de Deus. Este tópico de ser um filho aqui lembra ao público a proximidade de Jesus à fonte divina de favor. Não é apenas um marcador do status de Jesus no cosmos como Filho.

É um marcador da colocação estratégica de Jesus com Deus para ganhar com sucesso para os amigos e seguidores de Jesus o que eles precisam para perseverar. Falar de Jesus ter cruzado os céus nos dá uma janela para a cosmologia do pregador. O autor considera os céus visíveis, aos quais ele sempre se refere no plural, como parte dessa criação material e visível.

Em sua ascensão, Jesus teve que cruzar além da criação material, incluindo o céu visível, para entrar no próprio céu, o reino eterno. Para o autor, tudo o que pertence

à criação material, ao reino visível, é temporário e está destinado a falhar. Mas onde Jesus foi, no lado mais distante, por assim dizer, dos céus visíveis, é onde está a realidade permanente.

É aí que o investimento na vida dos ouvintes precisa ser feito. E então, ele os exorta, vamos nos apegar à confissão. Este é um objetivo principal do sermão: equipar os ouvintes com a mentalidade de que precisam e a força relacional entre si de que precisam para se apegarem à esperança juntos.

A confissão aqui provavelmente não é apenas um corpo de crenças que eles mantêm em mente, mas sim um ato, uma profissão, um testemunho falado e vivido das coisas boas que eles receberam de Deus por meio de seu mediador, Jesus Cristo. Perto do fim do sermão, nos versículos 13, 15 e 16, o autor os exortará, por meio de Jesus Cristo, a sempre oferecer a Deus um sacrifício de louvor, ou seja, o fruto dos lábios que reconhecem seu nome, em vez de recuar de dar testemunho de seu benfeitor divino por medo da reação de estranhos. Manter a confissão aqui é, pelo menos em parte, um ato de parrhesia, um ato de ousadia, continuando a dizer aos seus vizinhos que não os apoiam, o patrocínio de Deus, o favor do sol, vale a pena suportar o que quer que vocês me façam passar porque vocês desaprovam minha nova lealdade a eles.

O autor lembra aos ouvintes que esse sumo sacerdote é alguém que é completamente simpático com suas fraquezas, tendo sido testado em todos os sentidos assim como eles foram testados, com a única diferença de que Jesus passou por esses testes sem compromisso, sem pecado. No sol, portanto, os ouvintes têm todos os benefícios de um mediador sobre-humano entre eles e Deus, alguém que não se alienou de Deus pelo pecado, enquanto não perde nenhum dos benefícios de ter um mediador humano. Por causa da própria experiência de Jesus de compartilhar totalmente a carne e o sangue dos muitos filhos e filhas, ele tem conhecimento íntimo e simpatia pelas dificuldades e desafios que os muitos discípulos enfrentam.

Então o autor pode exortá-los, aproximemo-nos com ousadia do trono do favor, a fim de que possamos receber misericórdia e encontrar favor para ajuda oportuna. Esta exortação para se aproximar do trono do favor é um contraste adequado para se afastar, se afastar e recuar, que é o desafio atual enfrentado por pelo menos alguns dos ouvintes. Por causa da mediação de Jesus, os ouvintes têm acesso a qualquer coisa que possam precisar de Deus para perseverar.

Como eles podem então pensar em ficar aquém quando têm tais recursos para sua jornada? Nesta seção, portanto, o autor está buscando despertar a confiança do ouvinte com base na disponibilidade iminente de ajuda. Na justaposição de Hebreus 4:12 a 13 e Hebreus 4:14 a 16, vemos algo da estratégia retórica recorrente do pregador ao longo deste sermão. Um apelo ao medo é correspondido com um apelo

à confiança para que, por meio desta repetição desta estratégia, o autor seja capaz de fazer o ouvinte associar a deserção ao medo e permanecer firme com a confiança.

Ele também continuou apresentando um importante quadro de referência alternativo para a situação do ouvinte. Juntar-se ao movimento cristão pode ter empurrado os convertidos para as margens de suas cidades social e economicamente falando, mas também os moveu para mais perto do centro do cosmos, o trono do favor, o trono de Deus. Adotar essa visão das coisas, retornar ao seio de seus vizinhos e da sociedade significaria se afastar ainda mais de Deus, se afastar ainda mais do centro do cosmos e se mover para as margens no que diz respeito a Deus.

No capítulo 5, versículos 1 a 10, o pregador de Hebreus começa a expandir o papel e as realizações de Jesus sob a lente do sacerdote. Ele começa no primeiro versículo fornecendo uma definição do papel e das qualidades de um sacerdote com base em uma referência geral à função e ao ofício de sacerdote conhecido do Pentateuco. E assim, ele escreve, pois todo sumo sacerdote sendo recebido dentre os seres humanos é estabelecido em favor dos seres humanos em relação às coisas de Deus, a fim de que ele possa oferecer dons e sacrifícios em favor dos pecados.

Esta definição destaca o papel dos sacerdotes como corretores, como aqueles que se colocam entre os seres humanos e Deus em nome dos seres humanos, envolvendo-se em interações com o divino que asseguram benefícios divinos para os seres humanos que o sacerdote representa ou que removem obstáculos no relacionamento divino-humano por causa das afrontas que os seres humanos apresentaram a Deus, ou seja, pecados. Uma qualidade dos sacerdotes que o autor particularmente quer destacar aqui é sua simpatia para com aqueles em cujo nome eles mediam. E assim ele continua nos versos seguintes, o sumo sacerdote é capaz de moderar suas paixões para com os ignorantes e os errantes, uma vez que ele próprio também está sujeito à fraqueza, por conta da qual ele é obrigado, assim como em nome do povo, também em nome de si mesmo, a oferecer ofertas pelo pecado.

A fonte da simpatia típica do padre para com os outros que precisam de mediação é a própria responsabilidade do padre em pecar. Ele conhece sua própria fraqueza. Ele sabe que ele mesmo é incapaz de cumprir todos os requisitos do pacto perfeitamente e, portanto, ele é capaz de moderar seus próprios sentimentos, sejam eles de raiva ou indignação para com seus irmãos e irmãs que são similarmente suscetíveis à fraqueza.

Com os termos ignorante e errante ou errante, o pregador destaca pecados que não são cometidos intencionalmente, mas aqueles que são cometidos acidentalmente ou por ignorância. A lei de Moisés, a própria Torá, não faz provisão para pecados cometidos intencionalmente. A expressão na Torá é pecados cometidos com mão

alta, e o autor de Hebreus trará isso à tona mais tarde em seu sermão em outra das famosas passagens de advertência no capítulo 10, versículo 26.

Várias vezes no curso deste sermão, o pregador traz à tona o fato de que os sacerdotes levíticos tinham que oferecer sacrifícios primeiro para garantir o perdão de seus próprios pecados antes que pudessem ficar em uma posição para mediar o favor de Deus e o perdão para outros pecadores como eles. Este requisito é explicitado muito claramente no ritual do Dia da Expição em Levítico 16, que forma um pano de fundo tão importante para o discurso central de Hebreus sobre a obra de Jesus como sacerdote e mediador, especialmente em Hebreus capítulo 9. Os sumos sacerdotes, começando com Arão, primeiro tinham que oferecer o sangue de um touro para expiar os pecados do sumo sacerdote e sua família antes que ele passasse a oferecer o sangue do primeiro bode em nome dos pecados do povo. O autor retornará a este tema no capítulo 7 , versículo 27.

Esta é uma falha entre os sacerdotes humanos, mas não uma falha com Jesus. Como o autor já enfatizou, Jesus, embora tentado em todos os aspectos como nós, permaneceu sem pecado. Ele nunca ofereceu aquela afronta a Deus que ficaria entre ele e Deus e que precisava ser removida antes que ele também pudesse agir como um mediador eficaz em nome dos outros.

O autor continua no capítulo 5, versículos 4 a 6, falando sobre a nomeação para o sacerdócio. Ele escreve que ninguém toma esta honra sobre si mesmo, mas é chamado por Deus, assim como Arão também foi chamado. Assim também, Cristo não se glorificou a si mesmo tornando-se sumo sacerdote, mas sim aquele que lhe falou, tu és meu filho, hoje te gerei, o glorifiquei.

Assim como ele diz em outro lugar, você é um sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque. Tanto nas religiões grega e romana quanto na prática cultural judaica, os sacerdotes eram tipicamente escolhidos ou nomeados em vez de assumir o papel por iniciativa própria. Esse era particularmente o caso em Israel, onde apenas membros da tribo de Levi podiam servir no templo, e apenas certos clãs dentro daquela tribo podiam servir como sacerdotes.

O próprio Aarão foi selecionado por Deus como sumo sacerdote. Se uma pessoa assumisse mais acesso aos lugares sagrados e coisas sagradas de Deus do que Deus permitiu a essa pessoa em particular com base em sua tribo e clã, essa pessoa enfrentaria a ameaça de morte, como leis particulares na Torá deixavam claro. O pregador deve, portanto, mostrar que o próprio Jesus foi nomeado para servir como sacerdote, assim como Aarão.

Neste ponto, o pregador vincula o Salmo 2, que ele cita aqui novamente, tu és meu filho, hoje eu te gerei, com o Salmo 110 versículo 4, também endereçado por Deus a você em particular, tu és um sacerdote para sempre segundo a ordem de

Melquisedeque. O Salmo 110 foi um dos chamados salmos reais, celebrando os monarcas do reino de Judá. Este salmo em particular destaca o privilégio especial que foi dado ao rei israelita ou ao rei judaico, não apenas para ter autoridade real, mas também para ter certa autoridade sacerdotal.

O autor do Salmo 110 olha para a história de Melquisedeque em busca de um precedente bíblico para tal coisa, para que alguns não-levitas também tenham alguma jurisdição sacerdotal. O Salmo 110 também já estava bem estabelecido nos círculos cristãos como um texto messiânico pertinente a Jesus. Enquanto muitos cristãos primitivos se referem ao Salmo 110 versículo 1, senta-te à minha direita até que eu faça dos teus inimigos um escabelo para os teus pés, o autor de Hebreus leu até o versículo 4, tu és sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque, e ele encontra ali a garantia autoritativa para a nomeação divina de Jesus para o sacerdócio.

Você é um sacerdote para sempre. Quando falado a um rei de Judá, não significava que você viveria para sempre. Mas agora, por causa da crença da igreja primitiva de que Jesus ressuscitou para uma vida indestrutível, este texto do salmo pode ser lido muito mais literalmente.

A vida sem fim de Jesus, para sempre agora além do poder da morte, permite que ele permaneça como sacerdote em perpetuidade. O autor retornará em breve à figura de Melquisedeque e ao significado de Melquisedeque para o sacerdócio de Jesus em relação ao sacerdócio levítico no capítulo 7, versículos 1 a 10. Por enquanto, ele pelo menos estabeleceu uma garantia bíblica no Salmo 110 para a nomeação de Jesus por Deus, não apenas para a dignidade de Cristo, de Messias e Rei sobre o reino messiânico, mas também para a dignidade do sacerdócio.

Tendo estabelecido o fato da nomeação de Jesus para o sumo sacerdócio no capítulo 5, versículos 1-6, o autor continua nos versículos 7-10 para considerar facetas da preparação de Cristo para a nomeação para este ofício. Os versículos 7-10 na verdade continuam uma frase que começou nos versículos anteriores. Este é um daqueles lugares que nos dá uma janela para o conforto do autor em escrever grego, enquanto ele gira cláusula subordinada após cláusula subordinada.

Um crédito para ele, um pesadelo para os estudantes gregos modernos. Mas, nesta porção, ele diz, essencialmente, Cristo, tendo oferecido nos dias de sua carne orações e intercessões àquele que era capaz de salvá-lo da morte com grandes clamores e lágrimas, foi ouvido por conta de sua piedade, embora fosse um filho. Ele aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se a fonte de libertação eterna para todos os que lhe obedecem, tendo sido nomeado por Deus sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.

Ao olhar para esta frase em grego, vemos mais claramente do que em muitas traduções em inglês onde a ênfase e o peso desta frase recaem. As traduções em inglês inevitavelmente têm que dividir este material, assim como eu fiz, em várias frases. Mas a espinha dorsal real desta frase é o fato de que Cristo aprendeu a obediência das coisas que sofreu e se tornou a fonte de libertação eterna para todos os que lhe obedecem.

Tudo o mais depende disso e, em certo sentido, é um ornamento disso. Trabalhando por essa passagem, então, começamos primeiro com essa imagem da profunda e apaixonada piedade de Jesus durante sua vida mortal, oferecendo orações e petições com altos gritos e lágrimas àquele que foi capaz de resgatá-lo da morte e sendo ouvido por conta de sua piedade. Há uma tendência generalizada de identificar essa imagem com o episódio no Getsêmani, também conhecido pelos Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas.

Lá, também encontramos Jesus orando em agonia com profundo investimento emocional, até mesmo a ponto de suar, como se houvesse grandes gotas de sangue. Embora isso possa de fato estar na mente do nosso autor, também devemos prestar atenção ao fato de que há algumas suposições aqui nesta identificação que precisam ser examinadas. Ela assume, primeiro, que a identificação de Deus como aquele que foi capaz de salvar da morte revela o conteúdo da oração, Deus, salva-me da morte.

Também pressupõe que seria natural considerar a oração de Jesus no Getsêmani como ouvida, em algum sentido, apesar do fato de que a crucificação aconteceu de qualquer maneira. E também, francamente, pressupõe que nosso autor estava familiarizado com essas tradições particulares do evangelho em primeiro lugar. Outro recurso que muitos estudiosos do hebraico buscam como uma possível fonte para o pensamento e a linguagem do autor aqui seriam os retratos gerais e a linguagem das orações dos piedosos ao longo do período do Segundo Templo.

Muitos dos Salmos são falados de um lugar de grande angústia e lágrimas. E conforme lemos descrições de orações em textos como Segundo Macabeus e Terceiro Macabeus, encontramos os piedosos frequentemente orando com lamentações e lágrimas ou orando ao Deus supremo com gritos e lágrimas. Em Segundo Macabeus 11, o povo da Judeia, diante do cerco de Lísias sob Antíoco IV, estava orando com lamentações e lágrimas.

Em Terceiro Macabeus, quando o templo foi ameaçado de profanação, os sacerdotes oraram ao Deus supremo com gritos e lágrimas. Mais tarde, no mesmo livro, quando os judeus do Egito foram levados ao Hipódromo para aguardar sua execução, eles clamaram com lágrimas, orando. E uma segunda vez, eles fazem petições chorosas, orando.

Essas orações e o investimento emocional que vai para essas orações se assemelham muito ao retrato de Jesus em Hebreus 5:7 a 8. Então, é bastante plausível que o pregador esteja se baseando nessas ressonâncias culturais de orações emotivas fervorosas dos piedosos em vez de fazer uma referência específica à tradição do Getsêmani conhecida na cultura cristã. O objetivo do autor é mostrar a piedade de Jesus como uma qualificação essencial para sua ocupação do sumo sacerdócio, que Deus confirmou ao ouvir a oração de Jesus e, de fato, resgatá-lo da morte no sentido de ressurreição do outro lado de sua paixão. Nos dias de sua carne, Jesus se vale da oração e do acesso que ela traz ao trono de favor de Deus, encontrando nessa experiência a capacidade de suportar toda a hostilidade, dor e vergonha que seus oponentes trouxeram sobre ele.

Na verdade, Jesus fornece um modelo aqui para fazer exatamente a coisa que o autor chama o público a fazer em sua situação de assédio consideravelmente mais brando no capítulo 4, versículos 14 a 16. Como a frase, embora ele fosse um filho, se encaixa nessa frase é um ponto de algum debate na interpretação. As traduções em inglês frequentemente anexam essa frase ao que a segue em vez do que a precede.

Embora fosse filho, ele aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu. Isso está em tensão significativa, no entanto, com o que o autor continuará a dizer no capítulo 12, versículos 5 a 11, onde ser filho ou filha não está em desacordo com aprender a obediência por meio de coisas sofridas ou experimentadas. De fato, o autor se esforçará para estabelecer que tal disciplina educativa é precisamente o que filhos e filhas genuínos devem esperar.

Se ele quisesse que esse versículo fosse ouvido como, embora filho, ele aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu, ele estaria contradizendo o próprio ponto que espera fazer alguns capítulos depois. Acredito que a frase é realmente melhor entendida para qualificar a afirmação anterior. Ele foi ouvido por conta de sua piedade, embora fosse filho.

O autor estaria argumentando que a responsividade de Deus a Jesus e as orações de Jesus não eram instâncias de nepotismo ou favoritismo, mas de reconhecimento da virtude e dedicação do peticionário. Dessa forma, a responsividade de Deus a Jesus é uma indicação justa da responsividade de Deus ao público do pregador, assim como eles demonstram a mesma piedade e comprometimento com Deus. A filiação de Jesus não deu a Jesus uma vantagem, em outras palavras, sobre os ouvintes em termos da responsividade de Deus a Jesus em tempos de necessidade.

Uma peça final em apoio à minha sugestão seria o fato de que a palavra embora em grego *kaiper* também é usada claramente novamente, tanto em Hebreus 7:5 quanto em 12:17 para qualificar o que a precede, não o que a segue. Quando o autor escreve que Jesus aprendeu a obediência das coisas que sofreu, ele está se baseando

em uma máxima cultural grega comum e trocadilho, emathen , epathen . Ele aprendeu, ele sofreu.

Esse padrão é encontrado, por exemplo, em Ésquilo e Sófocles. Jesus é, nesse sentido, o pioneiro para os muitos filhos e filhas que também passarão do sofrimento, ou melhor, através dele, para a formação da piedade e da obediência que produzirão neles o fruto pacífico da retidão que agrada a Deus que os molda por meio de todas essas experiências. Novamente, isso será desenvolvido no capítulo 12, versículos 5 a 11.

Quando o autor fala de Jesus sendo aperfeiçoado em Hebreus 5:9, ele não está falando sobre Jesus tendo todos os seus defeitos ou bugs resolvidos. Em vez disso, a linguagem da perfeição em Hebreus denota algo ou alguém sendo levado ao seu objetivo, seu telos. A mesma raiz ali em objetivo, telos, é encontrada em perfeição, telos, um estado final.

Ser aperfeiçoado nesta passagem é contrastado especificamente com estar nos dias de sua carne em que ele aprendeu através do sofrimento. A ascensão de Jesus e a travessia para o reino celestial, o lugar da morada de Deus de onde ele é capaz de ser a fonte da salvação eterna , constitui seu ser aperfeiçoado. É a conclusão de sua jornada, este rito de passagem através do estado liminar iniciado em sua encarnação e continuado através de seu sofrimento e morte, que agora é levado à conclusão, à perfeição em sua ascensão e sessão, sua posição sentada à direita de Deus.

Jesus usa esse privilégio de estar à direita da majestade nas alturas para o benefício de seus seguidores. O autor aqui enfatiza que ele é, dessa posição exaltada, a fonte da salvação eterna para todos os que continuam a obedecê-lo. O autor está lembrando os ouvintes aqui da necessidade contínua de fidelidade a este Cristo, a este sumo sacerdote, se eles quiserem continuar a experimentar seus benefícios agora e os benefícios finais que ele traz do outro lado de sua própria jornada por esta vida.

Ele conclui isso então lembrando aos ouvintes que Jesus foi nomeado por Deus como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque. Novamente, ele poderia muito bem ter ido diretamente daqui para o início do capítulo 7, mas ele acha importante apertar o botão de pausa nesta exposição para uma digressão que irá sacudir os ouvintes e garantir que eles estejam realmente comprometidos em seguir em frente, não apenas com o sermão, mas com a caminhada cristã em si. Hebreus 4.14 a 5.10 avançou a estratégia retórica do autor de várias maneiras importantes.

Primeiro, seguindo duramente um apelo ao medo em 4:12 a 13, o autor lançou um apelo à confiança em 4:14 a 16. Os ouvintes têm acesso a toda a ajuda que poderiam precisar para chegar ao fim da jornada que começaram em sua conversão. Eles

desfrutam de um mediador perfeitamente posicionado e totalmente simpático, pronto para ajudá-los.

A esse respeito, o autor está tranquilizando-os de que a perseverança diante dos desafios que os afligem é inteiramente viável. À medida que se comprometem a perseverar, podem estar confiantes na ajuda de Deus a cada passo do caminho. A mesma exortação também avançou a estratégia ideológica do autor, pois ele os incita a se aproximarem do trono da graça.

Ele os está incitando a ver, com efeito, que, à medida que se reúnem, à medida que continuam a vir diante de Deus, eles estão se aproximando do centro do cosmos, o trono do próprio Deus. Em contraste, implicitamente, à medida que se afastam ou recuam da reunião de si mesmos onde Deus é encontrado em seu meio, à medida que retornam à sociedade que deixaram para trás, eles estariam se afastando ainda mais do centro divino do cosmos em direção às margens, por assim dizer. Isso é bem o oposto de onde os cristãos se encontram em relação à sociedade, onde seus vizinhos, com efeito, os empurraram para as margens, tanto social quanto conceitualmente, em suas próprias cidades.

Mas esse movimento para a margem de sua sociedade também os atraiu para mais perto do centro do próprio universo, o trono do favor, o próprio trono de Deus. Em 5.1-10, o autor começa a distorcer seu discurso sobre Jesus como um mediador ou sumo sacerdote. Aqui, ele se concentra na legitimidade do chamado de Jesus a esse respeito e em suas qualificações pessoais, assegurando assim aos ouvintes, por meio das Escrituras e por meio de apresentações da pessoa piedosa em oração e sendo ouvida por Deus, que Jesus é um mediador divinamente designado para eles e não alguém que está, de alguma forma independente, assumindo esse ofício para si mesmo.

Ele é de fato o sumo sacerdote final de Deus, selecionado por Deus para servir a esse papel em nome dos ouvintes e em nome de todas as pessoas para sempre. O lembrete do compromisso de Jesus em meio aos sofrimentos e da disposição de passar por sofrimentos no caminho para sua instalação como sumo sacerdote à direita de Deus deve servir mais uma vez para despertar gratidão e motivar lealdade, pois lembra novamente aos ouvintes o quanto Jesus suportou em seu favor para trazer benefícios a eles. Além disso, a declaração conclusiva desta seção os lembra da importância da obediência contínua ao Filho se os ouvintes esperam desfrutar da salvação eterna, a libertação eterna que o Filho fornecerá.

Ele, e nenhum outro, se tornou a causa da libertação eterna para aqueles que lhe obedecem. Esta passagem também continua a falar uma palavra desafiadora para nós em nosso cenário. Primeiro e mais importante, Hebreus 4:14-16 impele os crentes a orar em todas as idades.

Ela nos lembra que o acesso ao trono do favor é um dos principais benefícios conquistados para os muitos filhos e filhas pela entrega de Jesus. A oração não é meramente um ritual ou o retiro dos fracos. É o meio pelo qual encontrar a ajuda de Deus em meio às provações, testes e tentações que nos cercam, para que possamos triunfar através deles e continuar em fidelidade e obediência.

A simpatia do sacerdote para com aqueles em cujo nome ele ou ela media, seja o sacerdote levítico ou Jesus como sumo sacerdote, nos lembra do fato de que aqueles que continuam a ministrar em nome de Cristo precisam continuar também a incorporar essa qualidade essencial de simpatia para com os ignorantes e os errantes. O remédio para um espírito severo e crítico é para nós, assim como era para os sacerdotes levíticos, a lembrança de nossa própria fraqueza, de nossa própria responsabilidade ao poder do pecado, de nossa total dependência de Deus para evitar o pecado e fazer o que é agradável a ele. De tal reflexão surge um espírito gentil que sabe como amar e ajudar o pecador, o que reflete o amor e o cuidado do grande sumo sacerdote que sempre chama esses pecadores de volta para si.

O exemplo de Jesus nesta passagem também permanece como um modelo para nós de encontrar dificuldades ou sofrimentos suportados como resultado de nosso compromisso de fazer a vontade e obra de Deus neste mundo. Ele fez isso com compromisso corajoso, mas também com total dependência de Deus em oração honesta e sem barreiras. O que Jesus experimentou ou sofreu se tornou oportunidades para ele aprender a obediência e aprofundar seu conhecimento e fundamentação neste valor central.

Tais experiências permanecem oportunidades para nós também fazermos o mesmo. Agora, com isso, o pregador não busca santificar todos os tipos de sofrimento ou dificuldade, mas ele certamente santifica qualquer dificuldade que surja como resultado de se alinhar com Jesus e fazer o que Deus deseja em uma determinada situação. Tais episódios, como encontros com dificuldades ou sofrimento, tornam-se oportunidades para ser treinado pelo Espírito, para ser moldado e formado nas virtudes que agradam a Deus e, acima de tudo, na virtude do comprometimento de todo o coração para obedecer a Deus.

Onde quer que os cristãos suportem tais sofrimentos, o valor de seu chamado e sua esperança é profundamente implantado em suas almas. A orientação de seus desejos em direção a Deus é fortalecida. Por meio da perseverança diante dos fogos do sofrimento, eles chegam a um forte senso das prioridades da vida e aprendem a colocar a obediência a Deus em parceria com Cristo no topo da lista dessas prioridades.

Assim também, as vozes clamando por justiça naqueles lugares onde a injustiça é a norma aceita inevitavelmente invocam sobre si a hostilidade dos pecadores. Sua recusa em silenciar seu próprio testemunho da visão e vontade de Deus para a

sociedade humana imprime neles o que significa viver para Deus e o reino de Deus antes de tudo, enquanto eles, como Jesus, continuam a abraçar a resistência da hostilidade dos pecadores em prol do testemunho obediente da visão de Deus para este mundo.